

THE CINCINNATI KID / 1965

(O Aventureiro de Cincinatti)

um filme de Norman Jewison

Realização: Norman Jewison / **Argumento:** Ring Lardner Jr., Terry Southern, Segundo o romance de Richard Jessup / **Fotografia:** Philip H. Lathrop / **Direcção Artística:** George W. Davis, Edward Carfagno / **Montagem:** Hal Ashby / **Música:** Lalo Schiffrin; canção tema de Dorcas Cochran, cantada por Ray Charles / **Intérpretes:** Steve McQueen (Cincinnati Kid), Edward G. Robinson (Lancey Howard), Ann-Margret (Melba), Karl Malden (Shooter), Tuesday Weld (Christian), Joan Blondell (Lady Fingers), Rip Torn (Slade), Jack Weston (Pig), Cab Calloway (Yeller), Jeff Corey (Hoban), Theo Marcuse (Félix), Milton Selzer (Sokal), Karl Swenson (Mr. Rudd), Emile Genest (Cajun), Ron Soble (Danny), Irene Tedrow (Mrs. Rudd), Midge Ware (Mrs. Slade), Dub Taylor.

Produção: Martin Ransohoff (Filmway Inc-Solar Productions) para a MGM / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 101 minutos / **Ante-Estrea Mundial:** New Orleans, em 21 de Setembro de 1965; **Estreia:** 15 de Outubro de 1965 / **Estreia em Portugal:** Condes e Império, em 22 de Junho de 1966

Aviso: A cópia que vamos exibir apresenta alguns sinais de desgaste, tais como riscos e algumas colagens, sobretudo evidentes no princípio das bobinas. Pelo facto, as nossas desculpas.

The Cincinnati Kid tem uma história atribulada. A realização vem assinada por Norman Jewison e convém desde já referir que todo o trabalho (que vamos ver) é da sua responsabilidade, pelo que não há desculpas nem promessas "traídas" que possam apontá-lo como um "autor" (?) menosprezado. O resto da sua "obra" (!) aí está para o demonstrar, pois começou como "yesman" para comédias matriarcais com Doris Day (**The Thrill of It All/O Tempero do Amor, Send Me No Flowers/Não Me Mandem Flores**) e outras sensaborias como **40 Pounds of Trouble/20 Kl. de Sarilhos** e **The Art of Love/A Arte de Amar**) e continuou com "pastelões" do nível de **The Fiddler on the Roof/Um Violino no Telhado** e **Jesus Christ Super Star/Jesus Cristo Super Star**. Se algo de interessante podemos encontrar na sua filmografia terá sido a primeira versão de **The Thomas Crown Affair/O Grande Mestre do Crime**, principalmente graças à alquimia do encontro de Steve McQueen com Faye Dunaway. Há ainda o muito sobrevalorizado e oscarizado **In The Heat of the Night/No Calor da Noite** graças à "mensagem" anti-racista que já não resiste a qualquer revisão.

A atribuição referida atrás tem a ver com o começo do projecto. Foi Sam Peckinpah quem começou a trabalhar no projecto e, ao contrário do que Jean-André Fieschi diz nos "Cahiers du Cinéma" ("il n'est pas absolument certain que le film eût été meilleur si Penckinpah l'avait mené à bien"), creio que o filme teria sido bem diferente e importante. As reticências do crítico francês podem explicar-se pelo facto de Peckinpah ser, ao tempo, apenas o autor de três westerns, **The Deadly Companions/Companheiros da Morte, Ride the High Country/Os Pistoleiros da Noite** e **Major Dundee** (de qualquer modo o autor de **The Wild Bunch** nunca foi das "paixões" da redacção daquela revista). Mas ele toca num ponto nevrálgico quando refere que "il importe

évidemment moins ici de savoir qui est Norman Jewison que de connaître l'esthétique du producteur, le redoutable Martin Ransohoff". De facto, o filme tal como o vamos ver é mais um trabalho do produtor do que do realizador. Infelizmente Ransohoff, mesmo que "redoutable", não era nenhum Thalberg, Selznick ou Zanuck.

Peckinpah aceitou o convite de Ransohoff para dirigir **The Cincinnati Kid** devido às dívidas que tinha por causa de **Major Dundee** (que o produtor "massacrrou"), e não esperava encontrar muitas facilidades ("It looked like he had signed on as captain of the Titanic", diz David Weddle na sua biografia do realizador), mas quis dar-lhe, de qualquer modo, um toque pessoal. O tratamento de Paddy Chayefsky (que escrevera o sucesso anterior de Ransohoff, **The Americanization of Emily/Herói Precisa-se**) foi retrabalhado por outros argumentistas (Ring Lardner Jr., Frank Gilroy e Charles Eastman, de que só o primeiro ficaria no genérico) e Peckinpah foi aproveitando o que de melhor aparecia em cada variação. Ao fim de vários meses de tratamento Peckinpah deu início às filmagens e ao fim de menos de uma semana Ransohoff corria com ele, substituindo-o pelo acomodaticio Jewison. Que fizera Peckinpah? Insistira na história de amor de um homem dividido entre a mulher "boa" (Tuesday Weld) e a mulher "fatal" (Ann Margret). Preferira uma aproximação psicológica à maneira de **The Hustler/A Vida é Um Jogo** de Robert Rossen (que influenciou a produção do filme) e, o mais grave, queria filmar também a preto e branco. E assim fez nas poucas cenas que dirigiu (uma luta de rua e uma cena de Rip Torn com uma prostituta negra). Ransohoff mandou tudo às urtigas, correu com Peckinpah e trouxe Jewison e o technicolor.

De qualquer modo o filme não é inteiramente de desprezar. E isto em particular devido a duas coisas. Por um lado a presença de Edward G. Robinson, naquele que é o seu último grande papel no cinema, transformado já na lenda que era à altura da lenda que presumia ser no filme. Por outro, a longa sequência do jogo de poker que ocupa mais de meia hora do filme. Robinson interpreta o papel de Lancey Howard, "The Man", isto é "o campeão", o homem que há décadas permanecia como o mestre invencível do poker e que o "Kid" quer destronar. Lancey é, como Minnesota Fats/Jackie Gleason de **The Hustler**, o homem que todos procuram defrontar e um "capital" garantido nas mãos do empresário. Infelizmente o "Kid" não está à altura de "Fast" Eddie Felson/Paul Newman, no tratamento psicológico. Jewison trata de uma forma edulcorada e apressada as suas relações com Melba/Ann Margret e Christian/Tuesday Weld. À brevidade da presença (e importância da segunda) junta-se o pobre aproveitamento da primeira que tanto sugeria devido à sua condição de esposa de Shooter (Karl Malden), um jogador conhecido pela sua honestidade e encarregado de dar as cartas no "grande jogo" e que devido ao domínio de Melba acaba por aceitar fazer batota a favor do "Kid", pago pelo magnate Slade que quer vingarse de Lancey. Mesmo este Slade, apesar da poderosa interpretação de Rip Torn (a que Peckinpah queria dar maior destaque) está aqui tratado de forma esquemática.

O resto são ornamentos por vezes ao nível do anedótico, que servem apenas para enfeitar e dar cor local, como a cena de abertura (o funeral negro com a música de "blues" a acompanhar), a luta de galos, que não desempenha qualquer papel na narrativa, ou mesmo o miúdo de cor com que o "Kid" joga às moedas. São paisagem para justificar a mudança do cenário original de St. Louis para o mais bem exótico de New Orleans, tal como é a presença de Cab Calloway como jogador. Mesmo à famosa sequência do jogo (cuja duração, que era um record, será ultrapassada no ano seguinte em **A Big Deal For the Little Lady/Todos Contra Um** de Fielder Cook, pois o jogo decorre, aqui, praticamente durante todo o filme) falta aquela ambiência para que tanto poderia ajudar o preto e branco e a atmosfera de "huis clos" e tensão.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico